

(Des)qualificação, exclusão, diálogos intelectuais, reconhecimento e legitimidade: Reflexões sobre a latinoamericanidade em Gilberto Freyre*

ANA PAULA BARCELOS RIBEIRO DA SILVA¹

Resumo

Neste texto discutimos a exclusão e a (des)qualificação oriundas do passado colonial e da miscigenação que afetam o Brasil e a América Latina. Vemos, a partir da obra *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, o desenvolvimento de uma interpretação histórica que auxilia na ruptura com nossa própria (des)qualificação. Assim, busca-se ler de forma positiva características supostamente negativas e conquistar reconhecimento e legitimidade para o pensamento latino-americano. Demonstramos como e porque o livro foi traduzido e projetado para a América Latina por um empreendimento que tinha como base o desenvolvimento de diálogos intelectuais entre seus países. Analisamos ainda um problema que atingiu os intelectuais no final do século XIX e, principalmente, no início do século XX: como serem reconhecidos na esfera internacional mesmo pertencendo a formações sociais com fortes características de exclusão.

Palavras-chave: (Des)qualificação; Exclusão; Reconhecimento.

Abstract

In this text we discuss the exclusion and the (dis)qualification which emerge of the colonial past and the “miscigenação” which affect Brazil and Latin America. We see, starting from the work *Casa Grande & Senzala* of Gilberto Freyre, the development of a historical interpretation which helps in the break with our own (dis)qualification. Like this, it tries to read in a positive way supposedly negative features and conquer recognition and legitimacy for latin-american thought. We demonstrate how and why the book was translated and projected for Latin America by an endeavor based on development of intellectual dialogues between their countries. We still analyse a problem which affected intellectuals in the end of the 19th century and, mainly, the beginning of the 20th one: how they could be recognized in an international sphere even if they belong to social formations with strong exclusion features.

Keywords: (Dis)qualification; Exclusion; Recognition.

Neste texto propomos a análise de uma questão inserida na tese de doutorado que desenvolvemos na Universidade Federal Fluminense. Nela analisamos a teoria da

* Artigo submetido à avaliação em 26 de maio de 2009 e aprovado para publicação em 3 de julho de 2009.

história através da relação entre intelectuais e categorias do tempo de modo a demonstrar a complexidade do tempo histórico que envolve o objeto de pesquisa e o trabalho do historiador. Para isto, pensamos os diálogos intelectuais desenvolvidos entre antigas metrópoles e colônias a partir dos casos do Brasil e de Portugal e da Argentina e da Espanha, além de analisarmos os empreendimentos de intercâmbio intelectual entre as ex-colônias Brasil e Argentina. Em meio a estas trocas intelectuais focalizamos numa discussão acerca da escrita da história desenvolvida por estes países entre o final do século XIX e o início do século XX. Nela surge como eixo das preocupações intelectuais a resignificação da história, em especial diante da miscigenação e do passado colonial. Num momento de inserção numa esfera intelectual excludente era preciso responder às demandas trazidas por este passado marcado por características que comprometem, no presente, as tentativas de obtenção de reconhecimento e legitimidade diante do outro. Tzvetan Todorov² lembra que a conquista de alteridade relaciona-se ao pertencimento a um grupo que nos confere legitimidade. Afinal, a legitimidade do nós existe a partir de uma relação com os outros. Processo que identificamos como desenhado entre o final do século XIX e o início do século XX por meio da atuação de intelectuais e instituições. Na pesquisa trabalhamos com materiais das missões diplomáticas do Brasil no exterior; acordos e atas de congressos internacionais sobre a escrita da história; periódicos; e correspondências entre intelectuais parte destes intercâmbios culturais. Estas fontes estão depositadas no Arquivo Histórico e na Biblioteca do Itamaraty, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Biblioteca Nacional, na Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH/USP, na Academia Nacional de História Argentina, no Instituto de História do Direito e na Biblioteca Nacional de Buenos Aires.

Através deste artigo procuraremos demonstrar como nosso passado colonial e escravista contribuiu para o desenvolvimento de características de exclusão que transpassam nossas tentativas de conquista de reconhecimento e legitimidade. Observaremos, a partir da obra *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, como as marcas de exclusão latino-americanas envolvem a produção do conhecimento histórico e afetam diretamente a teoria política no Brasil. Veremos como foi possível no pensamento de Freyre a elaboração de uma interpretação pacífica e equilibrada da história que se relaciona às tentativas de ruptura com a (des)qualificação que nosso passado colonial e a miscigenação nos conferem. Afinal, quando inseridos numa esfera

internacional excludente que exige determinados padrões de perfeição somos identificados como parte de uma sociedade que por muito tempo fora vista como inferior, incapaz e desprovida de inteligência. Para os intelectuais do final do século XIX e início do século XX, período que identificamos como de passagem à modernidade, surge um problema: como conquistar reconhecimento e legitimidade internacionalmente mesmo pertencendo a formações sociais marcadas pela exclusão? Assim, seria preciso repensar de forma positiva o próprio passado e aquilo que nele fora visto como constrangedor, comprometedor de uma imagem supostamente perfeita. Seria preciso se qualificar para fugir à desqualificação, ou seja, valorizar o que temos de positivo diante daquilo que muitos apontam em nós como extremamente negativo. Veremos ainda como a partir do livro *Casa Grande & Senzala* foi desenvolvido um processo de circulação de idéias e diálogos intelectuais entre o Brasil e a Argentina que envolvia, na verdade, um problema referente a toda a América Latina: nossa (des)qualificação, nossa exclusão e nossas tentativas de obtenção de reconhecimento e legitimidade.

Marcada pela diversidade sócio-cultural e pelo passado colonial, a América Latina, enfrenta, ainda na atualidade, os desafios de superação da exclusão e da exploração e, mais ainda, do desconhecimento do outro que atinge sua população. Diante da globalização, nos deparamos com frequência com o olhar voltado para valores e padrões culturais europeus e norte-americanos. Problemática que se desenvolve entre o final do século XIX e o início do século XX, mas que apresenta seus aspectos de longa duração no início do século XXI. Nos vemos, assim, envolvidos num difícil dilema na atualidade: como constituir nossa própria identidade e manter características mais particulares diante da globalização e da pressão pela homogeneização dos comportamentos e pensamentos? Ora, por mais próximos geográfica e historicamente que sejam, os países latino-americanos se encontram ainda hoje envolvidos em debates acalorados sobre integração e aproximação em diferentes esferas. Nossa preocupação em olhar para o exterior, seguir os padrões culturais das ex-metrópoles, da França, no século XIX, e dos Estados Unidos, nos séculos XX e XXI, nos afastou muitas vezes de nossos vizinhos mais próximos de língua espanhola e nos manteve agregados a uma perspectiva de (des)qualificação em relação à nossa cultura e história. Daí teorias que nos engessam numa perspectiva de atraso cultural. Em meio a este processo, acabamos fechando os olhos, nos tornando indiferentes para as

crueldades, a intolerância e a miséria que assolam a América Latina. Carlo Ginzburg³ demonstra que quanto mais distantes espacial e temporalmente, mais indiferentes nos tornamos ao sofrimento e às injustiças. A questão da distância se constitui, deste modo, em aspecto fundamental para a compreensão da sociedade pós-moderna marcada pela tecnologia, pela internet, pelas relações humanas cada vez mais virtuais e individualizadas. A distância é fundamental na maneira como percebemos a realidade.

Em meio à tentativa de distanciamento em relação à nossa própria perspectiva de atraso, os países latino-americanos se envolvem numa busca de auto-afirmação no cenário internacional e de conquista de autonomia e legitimidade. Isto gera complexidades e ambigüidades entre uma espécie de “constrangimento” diante do passado colonial e a necessidade imposta por um novo contexto histórico de qualificação, de superação e de obtenção de reconhecimento⁴. Processo este que identificamos como já sendo desenhado entre o final do século XIX e o início do século XX por meio da atuação de intelectuais e instituições que buscam a integração entre os países latino-americanos sem, ao mesmo tempo, apagar as relações com as ex-metrópoles Portugal e Espanha. Afinal, a autonomia e o desenvolvimento intelectual demandavam interlocutores que lhes reconhecessem e legitimassem. A questão era: como conquistar autonomia sem cair no isolacionismo? Questão ainda altamente relevante para a atualidade. E ainda: como se qualificar diante do passado colonial e da miscigenação, parte da formação social latino-americana? Estes eram conflitos que envolviam os intelectuais que pensavam projetos de Brasil na passagem à modernidade e, evidentemente, foram experimentados pelo intelectual que aqui colocamos em discussão.

Considerando-se ser nos problemas que nos envolvem em nosso presente que encontramos os interesses que nos movem em busca do conhecimento pelo passado⁵, partimos destas questões que circundam o trabalho intelectual na sociedade pós-moderna e as relações entre os países latino-americanos a fim de projetar a obra *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, numa perspectiva latino-americana. Buscamos, assim, o que o autor traz como forma de contribuição para os debates em torno da latinoamericanidade e que visão de Brasil e América Latina foi por ele desenvolvida de forma a atrair o interesse dos demais intelectuais latino-americanos de sua época. A reflexão aqui apresentada centraliza-se na miscigenação como forma de (des)qualificação e obstáculo a ser superado na conquista de legitimidade.

Acrescentamos ainda uma breve reflexão acerca do papel das viagens e do exílio, mesmo que interno e subjetivo, neste processo. Acreditamos ser esta análise bastante válida por proporcionar uma discussão relevante para o entendimento de aspectos que compõem nossa formação social e que apresentam notáveis conseqüências práticas e subjetivas para os indivíduos que a compõem. Conseqüências referidas às hierarquias sociais, aos difíceis processos de ascensão social, marcados por conflitos e sofrimentos, e aos obstáculos que, aqueles que possuem marcas de exclusão, encontram na obtenção de reconhecimento e legitimidade social e intelectual. Gisálio Cerqueira Filho lembra das exigências de “perfeição” iluministas que recaem ainda hoje sobre as lideranças com características cada vez mais variadas ascendentes na América do Sul. Vinculadas ao par amigo/inimigo de Carl Schmitt⁶, as interpretações acerca destas lideranças freqüentemente as vêem como “inimigas”. Inimigos imaginários identificados em indígenas, sindicalistas, afro-descendentes, moradores de favelas, dentre outros. Daí, segundo o autor, que “Evo Morales apareça como ‘cocallero’; Hugo Chavez como ‘velha liderança populista’, Nestor Kirchner, como dirigente do ‘projeto ultrapassado’ do *new deal* *keneyiano*; Luiz Inácio Lula da Silva como líder sindicalista ‘despreparado culturalmente’, para dar alguns exemplos”⁷ (Filho, 2007:7).

Durante as décadas de 1930 e 1940, o Brasil e a Argentina trabalharam juntos em empreendimentos que favoreciam os diálogos intelectuais latino-americanos, em especial entre os dois países. Era preciso favorecer o conhecimento mútuo de suas histórias e revisá-las de modo a desenvolver o trabalho com fontes documentais e ressaltar características que pudessem qualificá-los. Em geral, estes empreendimentos pautavam-se numa preocupação em não apagar a importância do colonialismo, ressaltando-se o que de positivo teria trazido para nossa formação social. Foi neste contexto que se iniciou, a partir de 1933, a *Revisão dos Textos de Ensino de História e Geografia*, numa ação conjunta entre a Junta de História e Numismática Americana de Buenos Aires, o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e os Ministérios das Relações Exteriores do Brasil e da Argentina. No texto do documento que o oficializa, o convênio é justificado pela necessidade de se expurgar destes textos “tópicos que sirvam para excitar no ânimo desprevenido da juventude a aversão a qualquer povo americano”⁸ (Revisão, 1933). O empreendimento é expandido para outros países de modo que em 1945 já envolvia intercâmbios culturais e intelectuais com a Bolívia, o Chile, o Peru, a Colômbia, o Paraguai, o Uruguai e a República Dominicana.

Seguindo na mesma direção, em 1937, Ricardo Levene, fundador do campo da história do direito na Argentina, se empenha na elaboração de uma *Biblioteca de Autores Brasileiros Traduzidos ao Castelhana*. O intelectual argentino acreditava na busca de uma verdade histórica, na valorização do trabalho do historiador, em especial no ensino da história, num caráter integral do conhecimento histórico e na necessidade de elaboração – especialmente no contexto das duas grandes guerras – de uma convivência pacífica e de respeito e colaboração mútuos entre os países latino-americanos. Refletindo esta preocupação, Levene se empenhou na tradução de Pedro Calmon, Ruy Barbosa, Rodrigo Octávio e Oliveira Vianna, dentre outros. Além de quem, nesta discussão, mais nos interessa, Gilberto Freyre. Sua iniciativa, interrompida, na Argentina, em 1946 quando Juan Perón, seu ex-aluno na Escola Militar de Buenos Aires, assume o poder, produziu ecos no país vizinho. A partir de 1938, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil passa a incentivar a formação de uma *Biblioteca de Autores Argentinos traduzidos ao Português*. A tradução de *Casa Grande & Senzala* foi realizada em 1942, justamente pela via do empreendimento iniciado por Levene e, a partir de então, encontrará forte repercussão na Argentina. Quanto a este fator, Blas Matamoro informa:

A historiografia argentina era, então [na década de 1940], submetida a um duro revisionismo, que se prolonga até hoje, diversificando suas tendências e incorporando elementos do materialismo histórico, a sociologia de campo e a psicanálise da cultura. E a revisão nos impunha olhar, continuamente, para o país tropical. A tal ponto que, em Buenos Aires, editou-se uma completa Biblioteca de Autores Brasileiros, que abarcava gêneros diversos, embora centrados na história, pois a dirigiam uns historiadores. Ali, conhecemos a primeira edição argentina de *Casa Grande & Senzala* (Matamoro, 2003:168).

E complementa mais adiante:

[...] se me é permitido o anacronismo, todos esses clássicos argentinos [referência a trabalhos como os de Juan Agustín García e Juan Alvarez] são claramente ‘freyreanos’. Muitos deles registraram em suas páginas as tradições orais recolhidas na rua ou no salão, quando não diretamente presenciadas ou copiadas de correspondência familiar. Era a história argentina redigida com liberdade literária que se permite o rapsodo épico e vista pela classe dominante de um país em formação (Matamoro, 2003:183).

Dentre todas as obras de Freyre, portanto, é justamente a que discute a questão da miscigenação que recebe tradução especial para o castelhano em meio a um empreendimento amplo e de caráter bastante particular e integracionista. É este o volume escolhido para uma biblioteca que reúne, na visão dos intelectuais argentinos, os autores brasileiros mais emblemáticos e suas obras mais significativas. Acreditamos que a simbologia deste aspecto deve ser ressaltada. Por ora, cabe enfatizar que nas listagens de obras trocadas entre instituições brasileiras e argentinas constavam diversos dos volumes de Freyre. Em 1943, a Sociedade de História Argentina recebe da Embaixada Brasileira em Buenos Aires um total de 108 obras de autores brasileiros e/ou sobre história do Brasil. O material tratava de diversos temas e incluía, ao mesmo tempo, relatórios ministeriais e documentos oficiais que poderiam ser utilizados como fontes para o estudo da história do Brasil. De Gilberto Freyre constam *Nordeste, O mundo que o português criou, Um engenheiro francês no Brasil, Região e tradição e Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. No mesmo ano, Gilberto Freyre foi convidado por instituições argentinas para ditar conferências sobre seus trabalhos, em especial sobre *Casa Grande & Senzala*.

Por que razão as obras de Gilberto Freyre, principalmente aquela em que a miscigenação no Brasil é profundamente discutida, adquirem relevância no cenário latino-americano? Por que traduzir Freyre, juntamente com Pedro Calmon e Oliveira Vianna, dentre outros, para a *Biblioteca de Autores Brasileiros Traduzidos ao Castelhana*? Será apenas pela visibilidade que Freyre já havia conquistado na década de 1940? Acreditamos que o fator visibilidade tenha sido considerado pelos organizadores da *Biblioteca* diante da importância que os trabalhos de Freyre adquiriram durante a década de 1930. Porém, é preciso ver qual debate fora por ele levantado em *Casa Grande & Senzala* que interessava a intelectualidade latino-americana na época e qual a motivação para esta escolha feita acerca das obras de Freyre. Afinal, porque esta dentre suas outras obras fora especificamente selecionada para formar parte de um empreendimento que a projetaria por toda a América Latina? Enquanto os demais trabalhos de Freyre foram lidos naquele contexto pelos argentinos em português (evidentemente, foram realizadas inúmeras traduções para o castelhano em períodos posteriores), a tradução de *Casa Grande & Senzala* se constitui em parte de um esforço maior em conhecer o Brasil e estudar a formação desta sociedade que, mesmo falando outra língua e colonizada por outro país, apresenta fatores de proximidade com o

restante da América Latina. Traduzi-la significava tornar sua leitura acessível para um público mais amplo do que aquele especializado que conhece obras estrangeiras e lê em outros idiomas. Era torná-la parte da educação dos jovens e de uma parcela bem maior da população.

Cabe lembrar que o objetivo de intelectuais do período, como Ricardo Levene, era difundir o estudo da história, tornando-o parte de iniciativas que formem e fortaleçam um sentimento de pertencimento à América Latina e o pacifismo entre seus países. Pretendia-se desenvolver o gosto e o interesse pela história da América e, em consequência, os sentimentos de americanidade e latinidade; além de legitimar a própria expressão América Latina. A revisão da história no Brasil e na Argentina entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, e possivelmente em outros países latino-americanos, a ver pela expansão da *Revisão dos Textos de História e Geografia*, se insere nestes objetivos concretos acerca do estudo da história. Era preciso revê-la para torná-la parte da ação cotidiana, conferindo-lhe extremo significado para o presente. Significado este que se relacionava, concomitantemente, a uma busca de reconhecimento e legitimidade para a América Latina, processo no qual a história exerce papel central. Isto envolve logicamente a ação e a imagem do próprio intelectual diante de seus pares estrangeiros. Não obstante, este processo exigia que se colocasse em pauta uma problemática que atinge o nervo da sociedade e dos indivíduos: a miscigenação. Provavelmente, é a partir deste ponto que *Casa Grande & Senzala* ganha projeção no cenário intelectual e educacional latino-americano.

A miscigenação que atingia diretamente os intelectuais latino-americanos se tornava questão a ser debatida num momento em que se quer fazer ouvir e notar numa esfera intelectual estrangeira moderna. Se inserir na modernidade, era, em grande parte, responder às demandas sociais e culturais que a tradição e o passado colonial impunham a estes indivíduos. O próprio Gilberto Freyre esteve inserido nesta perspectiva. Maria Lúcia Pallares-Burke, traçando o percurso intelectual que levou o autor até a elaboração de *Casa Grande & Senzala*, mostra como, na segunda metade na década de 1920, Freyre inicia seu contato com Franz Boas, na Universidade de Columbia em Nova York. Este acontecimento fez parte de um processo que o ajudou a se dar conta dos fatores de exclusão que ele mesmo portava e que eram condenados por teorias e ações racistas e violentas. Isto após ter se apoiado nas teorias eugênicas de Madison Grant e

Stoddard em meio a um contexto violento de combate à imigração e à miscigenação nos Estados Unidos e de atuação do *Ku Klux Klan*. Nas palavras da autora:

[...] é lícito supor que, arrefecido o deslumbramento pelo que lia e observava, Freyre tenha caído em si e percebido que, de acordo, com o paradigma que a princípio aceitara, nem seu país, nem ele próprio, pessoalmente, tinham qualquer possibilidade de progredir. Fruto da mistura de holandeses e espanhóis, ou seja, de duas raças brancas distintas e desiguais, a nórdica e a mediterrânea, segundo o racismo, Freyre também se encaixava na categoria de ‘infeliz mestiço condenado a ter um ‘intelecto intermitentemente aguilhoado por explosões espasmódicas de energia’, como argumentava Madison Grant. O sentimento antiestrangeiro de que fora alvo nos Estados Unidos, e ao qual fez vagas alusões, [...], completava esse quadro nada animador (Pallares-Burke, 2005:322).

Se deparar com a própria condição de miscigenado e com as implicações que isto trazia para a intelectualidade latino-americana fará parte, deste modo, de um percurso pelo qual Freyre passará a ver a mistura como um aspecto positivo e produtor de importantes efeitos sociais. Segundo a mesma autora, no início da década de 1920, Freyre chegou mesmo a se entusiasmar com a forma como os Estados Unidos lidavam com a questão racial (ou étnica, em termos atuais). Neste momento, para Freyre, enquanto o Brasil parecia fechar os olhos para a questão da mestiçagem, os Estados Unidos a discutiam e procuravam possíveis soluções para aquilo que seriam os problemas dela resultantes. Assim, foi leitor e admirador de Grant e Stoddard, além de ter aprovado as políticas racistas com fundamentos científicos implementadas pela, a seu tempo, progressista, Margaret Sanger. Perceber esta vinculação de Freyre com teorias racistas da década de 1920 é, segundo Maria Lúcia Burke, fundamental para a compreensão dos rumos inteiramente opostos que ele irá conferir anos depois à discussão no caso brasileiro a partir de *Casa Grande & Senzala*. “É como se o jovem Freyre tivesse de conhecer e admirar o racismo numa de suas formas mais extremadas para que, finalmente, pudesse se livrar dele” (Pallares-Burke, 2005:279).

Em 1922, Freyre já era aluno de Boas em Columbia, mas sua influência ainda não se fazia sentir, já que praticamente desconhecia suas idéias. Aqui ele estará muito mais próximo do professor William Shepherd, muito interessado em promover a aproximação entre alunos e professores norte-americanos e latino-americanos. Pioneiro em cursos sobre história e política latino-americana, Shepherd foi de tamanha importância para Freyre que este chegou a Columbia decidido a fazer sua tese sobre história da América do Sul sob sua orientação. Será somente na mesma época em que se

percebe como parte da exclusão a que são expostos os indivíduos miscigenados que ele se aprofundará nas idéias de Boas do quão importantes seriam as uniões entre diferentes etnias. O período nos Estados Unidos foi, portanto, muito importante para os rumos que suas análises da sociedade brasileira iriam tomar. Mais ainda: foi a partir do contato com os extremismos e fundamentalismos de uma sociedade profundamente intolerante com os afro-descendentes que Freyre perceberia sua posição mais amena e arejada quanto à miscigenação. A experiência de contato com o extremo o auxilia a olhar para a questão e trazê-la para o Brasil; além disso é muito esclarecedora da abordagem construída em *Casa Grande & Senzala*. Neste sentido, a importância de Gilberto Freyre para a América Latina se torna evidente, por discutir um tema que nos atinge diretamente. Não apenas Freyre teve contato com Shepherd e seu olhar para a América do Sul como um todo, como seu pensamento se encaixa muito oportunamente na visão de história da América que no mesmo período se pretendia construir na América Latina.

Era preciso explicar o passado colonial e se qualificar diante dos olhos da intelectualidade estrangeira. Mostrar os fatores positivos e construtivos da miscigenação. A harmonia e a paz dela oriundas seriam um importante exercício de reflexão para a construção da latinoamericanidade e um degrau a mais na dura escala de ascensão e reconhecimento. Ressalta-se aqui a tensão dialética entre tentar se qualificar e ser desqualificado. Como a miscigenação é algo que envolve a América Latina como um todo, acreditamos ser esta uma boa forma de projetar Gilberto Freyre neste sentido mais abrangente do que a sociedade açucareira no Nordeste brasileiro. Ela traz uma problemática que envolve um conjunto bem mais amplo de indivíduos. Assim, embora o contexto latino-americano seja mais amplo e complexo, é possível ver que a questão da cor e da mistura se fez e ainda se faz presente para os latino-americanos. Afinal, fugimos todos de uma concepção engessada de pureza, não somos nem pretos, nem brancos, nem índios, mas uma mistura complexa difícil de ser explicada por lógicas racionais e binárias e marcada pelos conflitos de classes, etnias e idéias. Embora, este conflito Freyre procure apagar, ou melhor, conciliar. Interesse que talvez tenha sido de muitos intelectuais na passagem à modernidade, mas que parece ter produzido maiores efeitos no Brasil. Daí que a teoria política que atualmente estudamos seja em grande parte pautada na ideologização da conciliação, herdada da imagem construída por Gilberto Freyre em torno de uma sociedade pacífica, conciliada e equilibrada.

Cabe lembrar que na América Latina um exemplo que chamou muito a atenção de Freyre para a questão da miscigenação ainda na década de 1920 foi o caso argentino. A Argentina viveu entre o final do século XIX e o início do XX um período de intensa imigração acompanhada de políticas de incentivo ao branqueamento da população. Neste período, Luis Alberto Romero mostra que o país havia vivido décadas de crescimento espetacular e multiplicação de riquezas. Política e economicamente foram criadas condições para que estes imigrantes fossem integrados à sociedade. Romero afirma:

Os imigrantes, atraídos para essa transformação, foram integrados com sucesso a uma sociedade aberta, que ofereceu oportunidades abundantes para todos, e apesar de não faltarem tensões e embates, estes acabaram sendo assimilados, e predominou o consenso sobre a contestação (Romero, 2006:13).

Os imigrantes, além de servirem de mão-de-obra para o desenvolvimento industrial crescente, seriam um vetor de branqueamento da população, numa espécie de exercício de “melhoramento da raça”. Era preciso apagar as marcas indígenas e africanas na imagem da população. Cabe lembrar que as tensões sociais oriundas da Primeira Guerra geraram, posteriormente, conflitos, xenofobia e intolerância no país, após cerca de quatro décadas de investimento nas políticas de imigração. Freyre nutriu grande admiração pela forma argentina de lidar com a questão racial. Em resenha do livro de Oliveira Lima, *Na Argentina*¹⁴, em 1922, ele afirma termos muito o que aprender com os argentinos. Nisto a Argentina estaria muito a frente em relação aos demais países da América Latina, pois vinha conseguindo embranquecer sua população; em breve ela seria integralmente branca. Vejamos o trecho de Freyre reproduzido por Maria Lúcia Burke:

Parece que neste ponto a República do Prata leva decidida vantagem sobre os demais países americanos. Em futuro não remoto sua população será praticamente branca. Tão inferiores em número à caudalosa maré caucasiana são os elementos de cor que o processo de clarificação da raça argentina será relativamente breve, fácil e suave (Freyre, 1920 apud Pallares-Burke, 2005:266).

O branqueamento populacional seria um meio viável de se solucionar o problema das raças e produzir indivíduos mais fortes e belos. O imigrante traria os ensinamentos da “civilização” e seu estabelecimento e expansão nas cidades latino-

americanas enfraqueceriam a mestiçagem. Stoddard, um dos intelectuais eugênicos que Freyre admirava no início de sua estada nos Estados Unidos, exemplificava a América Latina como local de decadência racial, já que marcada em sua formação social por africanos e indígenas. Somente a Argentina, o Uruguai e o Sul do Brasil teriam escapado à deterioração. Esta problemática era, deste modo, latino-americana e exigia reflexões e respostas por parte de todos os seus países. A construção da própria latinoamericanidade dependia deste exercício de reflexão da realidade diante das demandas apresentadas pelo contexto histórico e social de passagem à modernidade. O Gilberto Freyre que escreveu *Casa Grande & Senzala* na década de 1930 já era, no entanto, um indivíduo marcado, como dissemos, pela experiência nos Estados Unidos, pelo contato com Boas e bem mais tolerante quanto à miscigenação. Esta e o conceito de hibridismo cultural tornam-se, então, as bases de sua análise da realidade social brasileira e, acreditamos, é o que nos leva a projetá-lo para o contexto latino-americano. Quando viaja pela América Latina em 1942 é este Freyre mais preocupado com a heterogeneidade do que com a homogeneização que discute aspectos fundamentais para a legitimidade da própria noção de América Latina. Procura as diferenças existentes em seu cerne, mas, ao mesmo tempo, o elo de ligação que os relaciona, assemelha e põe em diálogo. O fator de coesão, entretanto, na concepção de Freyre, será o catolicismo. A solidariedade que teria se desenvolvido em Portugal junto com o catolicismo, teria sido mantida na colônia garantindo a unidade nacional:

Essa solidariedade manteve-se em nós esplendidamente através de toda a nossa formação colonial, reunindo-nos contra os calvinistas franceses, contra os reformadores holandeses, contra os protestantes ingleses. Daí ser tão difícil, na verdade, separar o brasileiro do Católico: o Catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade (Freyre, 1997:29-30).

Nos anos 1940 em meio ao seu contato mais apurado com os demais países latino-americanos considera, abrangendo a discussão para este contexto mais amplo, ser o cristianismo este fator de coesão entre as diferenças. Foi este cristianismo que, em sua opinião, aproximou as diferenças na América Latina. Seria preciso considerar, de acordo com Freyre, as interpenetrações entre diferentes esferas que somente foram viabilizadas por um cristianismo que seria, ele mesmo, resultado da mescla entre culturas. Neste sentido, Freyre diz:

[...] não são para ser desprezados exemplos de simbioses – ou de interpenetrações – noutras esferas, várias das quais foram interpenetrações tornadas possíveis por um cristianismo que, em vez de ter se fechado sempre, e de todo, a valores não-europeus, abriu-se em não poucos casos a esses valores. [...]

Devido, até certo ponto, a essas interpenetrações é que o conjunto latino-americano de populações e de culturas, marcado por uma unidade, nem sempre ostensiva, que coexiste com uma variedade quase sempre mais notável que essa unidade, por ser mais pitoresca do que ela, apresenta-se tão diferente daqueles outros conjuntos de populações e de culturas afins, do Oriente e da África, onde a presença imperial européia de modo algum conseguiu dotar suas populações e culturas de um mínimo igualmente dinâmico de valores sociologicamente cristãos [...] (Freyre, 2003:32-33).

Para Gilberto Freyre, portanto, o que se pode considerar como América Latina é um conjunto heterogêneo relacionado por um elo fundamental: o cristianismo. Em *Casa Grande & Senzala* este elo estaria diretamente referido ao catolicismo. A América Latina seria formada por um conjunto de “ilhas sociológicas”¹⁸ (Freyre, 2003:34) que se interpenetram; há um conjunto continental formado por ilhas que (européias, indígenas e negras) se relacionam, se misturam; tornam-se híbridas e miscigenadas. É necessário destacar que, na visão de Brasil e América Latina elaborada por Freyre nas décadas de 1930 e 1940, estas diferenças são fundamentais para o desenvolvimento das sociedades de passado colonial e se equilibram, dando origem a uma sociedade complexa e antagonica, mas conciliada. Assim, mesmo diante das diferenças e da miscigenação teria sido possível construir uma sociedade equilibrada.

Segundo Maria Lúcia Burke, foi lendo Zimmern, Spencer e Giddings que Freyre concluiu pela importância dos antagonismos no desenvolvimento das sociedades. Para Spencer, o equilíbrio entre estes antagonismos seria responsável pela sobrevivência e adaptação das espécies no processo evolutivo. Retirando este aparato biológico do conceito de equilíbrio de antagonismos e conjugando com o estudo da cultura, Freyre o tornará essencial em suas análises. Por meio deste exercício interpretativo, aquilo que antes, sob influência de teóricos racistas norte-americanos, via como aspecto extremamente negativo e à espera de solução, agora se torna o fator principal de equilíbrio da sociedade brasileira. É a partir daí que ele desenvolve a idéia da miscigenação cultural e racial como fatores de equilíbrio do Brasil. Deste modo, idealiza a sociedade brasileira. Afinal, mostra as diferenças, as contraditoriedades e os antagonismos, mas conclui pela conciliação e o equilíbrio, pela harmonia e pela pacificação entre as partes, pois estariam unidas por uma cultura em comum misturada,

miscigenada e híbrida, mas que envolve a todos. No fim, é como se todos se entendessem e tudo acabasse sempre bem. Se no processo de análise de Freyre o conflito é bastante desenhado, em suas conclusões ele é enfraquecido e apagado. Em suas palavras:

Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, na verdade, [...] um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o paria. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo.

É verdade que agindo sempre, entre tantos antagonismos contundentes, amortecendo-lhes o choque ou harmonizando-os, condições de confraternização e de mobilidade social peculiares ao Brasil [...] (Freyre, 1997:53-54).

Estes antagonismos em conjunto seriam, portanto, harmonizados por características particulares da sociedade brasileira e a miscigenação e a religião seriam dois destes fatores. Dentre as diferenças há, então, uma grande mistura de raças, religiosidades e culturas e daí surge o equilíbrio social.

Problema e solução que poderiam ser projetados para a América Latina. Afinal, a questão da miscigenação afeta a este conjunto heterogêneo como um todo e, assim, exige respostas e explicações. Intelectuais latino-americanos, assim como Freyre, se viam envolvidos na busca de uma forma de superar a (des)qualificação que a origem num país marcado pela miscigenação gerava no cenário internacional. Fazer esta discussão era, portanto, fundamental na elaboração de estratégias para a obtenção de reconhecimento e legitimidade. O próprio Gilberto Freyre, como vimos, se deu conta após uma longa trajetória nos Estados Unidos que, de acordo com a visão de muitos teóricos da época, ele mesmo estaria sujeito a variações de pensamento e a desequilíbrios psicológicos e intelectuais constantes por sua origem em um país miscigenado. Era preciso mostrar como esta miscigenação não gerava conflitos ou desequilíbrios, mas sim, ao contrário, equilibrava-se de tal forma que apresentava características particulares e essenciais para o desenvolvimento das sociedades latino-americanas. Em última instância, procura-se uma forma de dizer que nosso pensamento e as idéias por nós produzidas são válidos e devem ser ouvidos e respeitados.

Acreditamos, assim, que estas preocupações se refletem na releitura da história da América que então se desenvolvia e foi um dos principais fatores que levaram Gilberto Freyre a ser lido na América Latina e traduzido com tamanho destaque para a *Biblioteca de Autores Brasileiros traduzidos ao Castelhana*.

Não esqueçamos que a legitimidade de nossas ações e pensamento encontra-se diretamente relacionada ao contexto histórico, social e ideológico no qual nos inserimos e a maneira como somos vistos por nossos pares. Esta preocupação em ser aceito e respeitado pelo outro faz parte da construção da identidade, pois é de acordo com a imagem que o outro tem de nós que construímos nossa própria imagem. Constitui-se aqui uma relação dialética entre a maneira como atuamos e deliberamos acerca da construção de nossa imagem para nós mesmos e para os outros e a influência que este outro tem sobre a forma como nos imaginamos e sentimos. Assim, a exclusão, a indiferença ou a (des)qualificação na maneira como se é visto pelo outro gera sofrimento e dificuldades na superação de obstáculos para a construção de identidade e autonomia. Por outro lado, desafia a ponto de gerar um exercício de reflexão em torno de si mesmo e de suas representações na sociedade. Neste sentido, identificamos a discussão levantada por Freyre como central nas análises que os intelectuais latino-americanos faziam da história, das sociedades americanas e de suas próprias representações diante de um cenário internacional muitas vezes excludente, biologista e racista. A questão era: como sendo “impuros” poderiam se inserir numa esfera intelectual que se pretende “pura”? E ainda: como mostrar ao outro e a si mesmo, o que é mais interessante, que esta “impureza” não desqualifica e ainda acrescenta às sociedades latino-americanas características próprias e positivas? Este não é um movimento simples ainda hoje, menos ainda o foi no início do século XX. Para esta discussão, lembramos do que afirma Gisálio Cerqueira Filho ao utilizar as idéias de Jacques Lacan para suas análises sobre o autoritarismo, a exclusão e o excesso presentes na lei e na política na sociedade pós-moderna:

Nós só podemos nos ver a nós mesmos porque o Outro nos vê e nos fala de nós. É por identificação com a imagem do Outro sobre nós que podemos ter uma imagem de nós mesmos. Daí que a procura da identidade se encontre necessariamente no reconhecimento do Outro (Filho, 2002:109).

Esta questão identitária nos atinge ainda hoje na América Latina e se reflete num freqüente sentimento de inferioridade diante dos europeus e norte-americanos. Esta

ideologia ainda bastante colonizada e dependente produz efeitos em âmbito social, político e econômico. Não raramente nas entrelinhas e nas brechas, às vezes claras, mas às vezes quase imperceptíveis, nos vemos presos às idéias de que o país deles é mais bonito, sua política é mais ética, seus intelectuais são geniais, suas cidades são padrões de civilização, sua língua soa melhor que a nossa, seus produtos são de melhor qualidade... Nós estaríamos, assim, longe de alcançá-los, de nos aproximarmos de sua “perfeição”. Afinal, seríamos marcados por “imperfeições” históricas e sociais que impedem nossa superioridade e, conseqüentemente, nossa aceitação e reconhecimento. Dentre os intelectuais e políticos, acabamos construindo padrões de perfeição que devem ser alcançados para que possamos ser representados e reconhecidos na esfera internacional. Apenas indivíduos com impecável formação intelectual, sobrenome importante, brancos, com perfeito domínio de idiomas estrangeiros, dentre outros fatores de aperfeiçoamento, poderiam exercer esta função. Assim, uma minoria é representada enquanto o restante da sociedade deixa de ser incluído e precisa percorrer um caminho bem mais longo na busca de reconhecimento.

Parece que Freyre precisou tomar contato com o exterior para sentir na pele a (des)qualificação vivida pelas sociedades latino-americanas. Afinal, já demonstramos que foi após bastante tempo nos Estados Unidos e após chegar a ver com admiração as idéias racistas que lá conheciam seu auge que ele se percebeu também como alvo destes ataques e passou a refletir sob outras bases teóricas, como Boas, Zimmern, Spencer e Giddings, a miscigenação. Viajar, portanto, parece ter adquirido importância central no desenvolvimento dos aspectos mais inovadores do pensamento de Gilberto Freyre. Novamente retornamos a Maria Lúcia Pallares-Burke que desenha de forma muito esclarecedora a conjugação de leituras e viagens na trajetória intelectual de Freyre. Buscando no que lia não apenas orientação intelectual, mas também maneiras de compreender a própria vida. Vendo, além disso, as cidades como representações materiais do conhecimento, como textos a serem lidos e compreendidos, Freyre irá prestar particular atenção ao que via e sentia em suas viagens. Assim, o Freyre que esteve nos Estados Unidos, que se auto-exilou em Portugal após 1930 e que viajou pela América Latina era um indivíduo atento ao que encontrava como forma de tornar sua experiência parte de seu aprendizado intelectual e para a vida. É este olhar que confere a boa parte de seus artigos reunidos em coletânea já citada²¹ um caráter de preocupação com as cidades e com o que via de material e que indica os traços culturais da

sociedade. Assim, ele fala de Buenos Aires cheia de espanhóis; de sugestões gastronômicas, turísticas e históricas sobre o Paraguai; descreve Assunção como uma cidade aristocrática; e fala do 4º centenário de La Paz. Interesses que não deixam, evidentemente, de estarem vinculados ao fato da viagem de Freyre ter sido em parte financiada pelo governo federal. Assim, conjugam-se interesses políticos e históricos em torno da afirmação da idéia de América Latina e o olhar pessoal e individual de quem viaja em lua-de-mel.

Segundo Ricardo Sáenz Hayes, referindo-se mais especificamente à relação Brasil e Argentina, é preciso intensificar o diálogo. Inspirado em Montaigne diz:

As viagens colaboram com a tarefa de melhorar o conhecimento dos vizinhos. Já não se concebe o governante sedentário que só conheceu o horizonte de sua pátria. Viajar é educar-se, polir-se, aperfeiçoar-se (Hayes, 2003:142).

Esta movimentação favoreceria a tolerância através do melhor conhecimento do outro; no caso de Freyre da cultura do outro. Acreditamos que a movimentação, em oposição à rigidez e ao isolamento, cria condições propícias para a liberdade, a tolerância e o diálogo, não com viés autoritário, mas num sentido de aprendizado. Produz, assim, efeitos sociais, políticos e ideológicos de grande importância para a América Latina. Viajar condiz com esta perspectiva e parece ter sido de grande proveito para Freyre. Conhecer a América Latina o ajudou a pensá-la e escrever sobre ela. Muitas vezes a experiência de viver situações de exílio e afastamento colabora intensamente para as inovações que podem surgir a partir do pensamento intelectual. Exilado é como se o indivíduo estivesse e ao mesmo tempo não estivesse vivendo determinada conjuntura social, política e ideológica. Surge uma tensão entre pertencer e não pertencer, estar e não estar posicionado, ser ou não ser incluído. Distante de um papel pré-determinado, ele pode se distanciar, ver de longe, a partir de um ponto de vista mais próximo do outro, mas sem nunca ser este outro, porque ele não deixa de levar consigo as características e sentimentos relacionados à sua nacionalidade, etnia, religião ou formação educacional. Todas estas experiências acabam sendo conjugadas e o pensamento intelectual ganha ares inovadores e de tolerância e liberdade. Evidentemente, este exílio não precisa ser fisicamente experimentado, mas pode ser apenas sentido dentro de seu próprio país, cidade e família, quanto se sente que não se encaixa num determinado padrão, quando se é excluído, quando se opta pelo afastamento, etc.

Para os intelectuais da geração de Gilberto Freyre parece que o exílio era bem mais do que apenas um afastamento físico, ganhando significado de abstração e conotação de experiência necessários para o intelectual. Como se para se sentir como tal fosse preciso experimentar a sensação de exilar-se. Deliberado ou não, vivido ou sentido, o exílio acaba exercendo importante papel na produção intelectual da época e podemos ainda hoje considerá-lo como fator de enriquecimento do pensamento intelectual. Edward Said mostra como o exílio pode também funcionar como metáfora para aquele que é discordante e inconformado em sua própria pátria e, mais ainda, como pode ser vivido de forma prazerosa e trazer sagacidade intelectual e felicidade mesmo diante da infelicidade. Assim, o exílio para o intelectual pode se tornar “não só um estilo de pensamento como também uma nova morada, ainda que temporária”²³ (Said, 2005:61). Ainda de acordo com o autor, o exílio pode trazer recompensas e privilégios como o “prazer de ser surpreendido”²⁴ (Said, 2005:66), de experimentar a instabilidade e a falta de garantias que propicia a criatividade e a imaginação dos indivíduos. Afinal, “uma vida intelectual é fundamentalmente conhecimento e liberdade”²⁵ (Said, 2005:66). Said ainda define o exílio do intelectual de outras formas bastante positivas:

O exílio significa que vamos estar sempre à margem, e o que fazemos enquanto intelectuais tem de ser inventado porque não podemos seguir um caminho prescrito. Se pudermos tentar esse destino não como uma privação ou algo a ser lastimado, mas como uma forma de liberdade, um processo de descoberta no qual fazemos coisas de acordo com o nosso próprio exemplo, à medida que vários interesses despertarem nossa atenção e segundo o objetivo particular que nós mesmos ditamos, então ele será um prazer único (Said, 2005:69).

O intelectual que encarna a condição de exilado não responde à lógica do convencional, e sim, ao risco da ousadia, à representação da mudança, ao movimento sem interrupção (Said, 2005:70).

Contribuindo fundamentalmente com uma perspectiva de movimentação para pensar o posicionamento intelectual, Said demonstra como o exílio, mais do que um deslocamento, pode ser também um sentimento de estar fora mesmo quando se está dentro e de não fazer parte daquilo que se vive diariamente. Porém, pode ser mais ainda uma experiência produtiva, capaz de complexificar o pensamento intelectual. Isto porque torna as coisas mais complicadas, misturadas, mutáveis e instáveis, ou seja, coloca o pensamento em movimento. Para a América Latina, esta perspectiva de movimentação, as viagens e o exílio, podem exercer importante papel na construção de identidades e na ruptura com autoritarismos, perfeições, idealizações, complexos de

inferioridade e auto-desqualificação. O sentimento de exílio de Freyre nos Estados Unidos parece ter contribuído para isto, pois numa posição intermediária ele assistiu ao extremo da intolerância e do racismo, chegando a vê-lo com bons olhos, mas teve a oportunidade de perceber que era um daqueles que eram desqualificados e perseguidos. A partir daí ele elaborou *Casa Grande & Senzala*, conservadora em muitos aspectos, mas inovadora em outros fundamentais. Viajando pela América Latina, Freyre escreveu sobre a latinidade e a americanidade como possibilidade de integração entre seus países. Bem sucedida ou não esta tentativa de promoção da integração e do diálogo que foi de muitos outros intelectuais da mesma época, como vimos, nos faz refletir o quanto esta promoção dialógica do conhecimento pode funcionar como forma dos países em questão se conhecerem melhor e se qualificarem.

Aproximando-nos do fim, cabe lembrar que a análise de Gilberto Freyre sobre o Brasil em *Casa Grande & Senzala* reflete um dentre os muitos projetos de nação possíveis e conflitantes numa determinada época. A partir de sua condição de classe, de sua formação intelectual, de sua origem no Nordeste brasileiro, das leituras que fez e dos interesses que manteve é que Freyre pensou um Brasil não necessariamente como ele era, mas como gostaria que fosse. Assim como fizeram outros intelectuais que pensaram o Brasil na mesma época, que queriam construir uma nação e um ideal de povo, questões em pauta e ainda longe de serem definidas. A visão pacífica, conciliadora e harmonizada de Freyre era uma possibilidade em meio a muitas outras. Se ela acabou exercendo efeitos de ideologização para a teoria política que estuda o Brasil é porque em torno dela foi feita uma escolha. Uma escolha por apagar os conflitos que se apresentam diariamente diante de nossos olhos, mas que freqüentemente se tenta enfraquecer. Quando o conflito, entretanto, se torna gritante, com violência, tortura e mortes, a responsabilidade é apresentada como de uma minoria que “contamina” os demais.

Lembramos, em suma, que esta escolha está referida às diferentes e entrelaçadas perspectivas de futuro que se apresentam e que formam parte do próprio presente. Reinhart Koselleck demonstra como em meio a expectativas e prognósticos de futuro é possível que passado, presente e futuro se encontrem. Assim, seria necessário “investigar a forma pela qual, em um determinado tempo presente, a dimensão temporal do passado entra em relação de reciprocidade com a dimensão temporal do futuro”²⁸ (Koselleck, 2006:15). Afinal, quando se olha para o passado, como fez Freyre, é

instigado pelo presente e pensando no futuro que o fazemos. Deste modo, torna-se indispensável pensar como o presente reflete o passado para criar expectativas de futuro, ou seja, pensar como o indivíduo experimentou seu presente e fez prognósticos para o futuro. A partir destes prognósticos o que se disse que iria acontecer acaba acontecendo, porque a ação política é encaminhada neste sentido. Portanto, foram feitos prognósticos baseados no equilíbrio de antagonismos, na harmonização das diferenças e na conciliação e, mesmo que o preço seja alto, seria preciso manter esta imagem construída e idealizada da sociedade brasileira. Este diálogo entre presente e passado também se encontra na própria discussão que aqui desenvolvemos, pois, como demonstramos logo no início deste texto, o debate sobre a integração da América Lática, em especial da América do Sul, a ver por empreendimentos como o Mercosul, são extremamente atuais. A própria busca de afirmação destes países num cenário internacional é algo que se coloca hoje como questão para políticos e intelectuais. Pretendendo-se favorecer investimentos presentes neste sentido, se olha freqüentemente para o passado e se elabora prognósticos de futuro. Por mais conciliador que seja, Freyre tocou em aspectos nevrálgicos para a sociedade latino-americana na atualidade. Seu pensamento expresso em *Casa Grande & Senzala* pode ser redimensionado para a América Latina nos diferentes sentidos que procuramos aqui apontar, mas pode ser também redimensionado no tempo e inspirar uma reflexão sobre nossa sociedade que ainda hoje tenta dialogar entre si.

Referências

Fontes

Convênio entre o Brasil e a República Argentina para a revisão dos textos de ensino de História e Geografia, 1933. Acervo: Arquivo Histórico do Itamaraty.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 32ª ed. RJ/SP: Record, 1997.

LIMA, Manuel de Oliveira. *Na Argentina: impressões 1918-19*. RJ: Weiszflog, 1920.

Obras de apoio

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. RJ: Jorge Zahar Editor, 2002.

FILHO, Gisálio Cerqueira. *Édipo e Excesso: Reflexões sobre Lei e Política*. Porto Alegre: Sergio Fabris Editor, 2002.

_____. *Habermas com acento tomista e fundamentalista* – Direito Patriótico e príncipe (im)perfeito. Comunicação apresentada no VI Encontro Internacional do Fórum Universitário Mercosul. Aracajú, 12 a 14 de setembro de 2007.

FONSECA, Edson Nery da. (Org.). *Americanidade e Latinidade na América Latina e outros textos afins*. Brasília: UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira – Nove reflexões sobre a distância*. SP: Companhia das Letras, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. RJ: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

KOUBI, G. e GUGLIELMI, G. *L'égalité des chances*. Paris : La Rècouverte, 2000.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: Um vitoriano dos trópicos*. SP: Unesp, 2005.

ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. RJ: Jorge Zahar Editor, 2006.

SAID, Edward. *Representações do Intelectual: As Conferências Reith de 1993*. SP: Companhia das Letras, 2005.

SCHMITT, Carl. *Teologia Política*. MG: Del Rey, 2006.

Notas

¹ Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Doutoranda em História Social pela UFF. Bolsista CAPES. Este artigo trata-se de uma versão revisada da conferência por mim apresentada no I Seminário Integrado do Núcleo de Estudos Indiciários. O evento foi realizado na Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, entre os dias 09 e 11 de junho de 2008. A reflexão insere-se na tese intitulada *Diálogos intelectuais entre dois lados do Atlântico: Práticas historiográficas, circulação de idéias e apropriação cultural. (Re)conhecimento e legitimidade (1870-1946)* atualmente desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Foi ainda inspirada pelas discussões produzidas no curso *A Teoria Política no Brasil e o Brasil na Teoria Política a partir da obra Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre* ministrado pelo Professor Doutor Gisálio Cerqueira Filho no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFF no 2º semestre de 2007.

² TODOROV, Tzvetan. *Nous et les autres: La réflexion française sur la diversité humaine*. Paris : Éditions du Seuil, 1989. Ver do mesmo autor : *A vida em comum: Ensaio de antropologia geral*. Campinas: Papirus, 1996.

³ GINZBURG, Carlo. Matar um mandarim chinês – As implicações morais da distância. In: *Olhos de Madeira – Nove reflexões sobre a distância*. SP: Companhia das Letras, 2001. p. 199-218.

⁴ Para um debate sobre os paradoxos que envolvem a conquista do reconhecimento na sociedade moderna, ver: HAROCHE, Claudine. Les paradoxes de l'égalité : le cas du droit à la reconnaissance. In : KOUBI, G. e GUGLIELMI, G. *L'égalité des chances*. Paris : La Rècouverte, 2000. p. 25-35.

⁵ Quanto às relações entre passado e presente e à importância de se partir de questões apresentadas por este para o estudo da história, ver: BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. RJ: Jorge Zahar Editor, 2002.

⁶ Ver: SCHMITT, Carl. *Teologia Política*. MG: Del Rey, 2006.

⁷ FILHO, Gisálio Cerqueira. *Habermas com acento tomista e fundamentalista – Direito Patriótico e príncipe (im)perfeito*. Comunicação apresentada no VI Encontro Internacional do Fórum Universitário Mercosul, Aracajú, 12 a 14 de setembro de 2007. p. 7.

⁸ Convênio entre o Brasil e a República Argentina para a revisão dos textos de ensino de História e Geografia, 1933. Acervo: Arquivo Histórico do Itamaraty.

¹⁴ LIMA, Manuel de Oliveira. *Na Argentina: impressões 1918-19*. RJ: Weiszflog, 1920.

¹⁸ *Ibidem*, p. 34.

²¹ Ver nota 9.

²³ SAID, Edward. *Representações do Intelectual: As Conferências Reith de 1993*. SP: Companhia das Letras, 2005. p. 61.

²⁴ *Ibidem*, p. 66.

²⁵ *Ibidem*.

²⁸ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. RJ: Contraponto: PUC-Rio, 2006. p. 15.